

2

INSTITUTO TOMIE OHYAKE

experiências
negras

COLETIVO DE ARTISTAS NEGRXS:
PROJEÇÕES PARA AS ARTES CONTEMPORÂNEAS



CAPA DETALHE DA OBRA COQUEIRAS
KÊNIA COQUEIRO COQUEIRAS 2019
INSTALAÇÃO: SAIA DE NOIVA, PEDRA, MANTILHA E CERTIDÕES DE
VÁRIAS MULHERES DE UMA MESMA FAMÍLIA 300 X 200 X 300 CM

experiências negras



**COLETIVO DE ARTISTAS NEGRXS:
PROJEÇÕES PARA AS ARTES CONTEMPORÂNEAS**

A capa desta publicação apresenta um detalhe da instalação Coqueiras, da artista Kênia Coqueiro, integrante do Coletivo Ero Ere. Na instalação, Kênia apresenta a fé no amor romântico como fator comum às mulheres de sua família. Esse sentimento tem conseguido fortalecer essas mulheres frente às limitações que estruturam a solidão da mulher negra na sociedade contemporânea, colocando-as como receptoras e condutoras de afeto. A representação se faz a partir do vestido de casamento dado de presente pela matriarca da família à sua mãe, o qual também foi utilizado pela artista em seu matrimônio após ter sido bordado por um ano em segredo, mas recebeu suas últimas pedrarias a quatro mãos, as da dona da peça e as da apropriadora da arte contida nele.

O manto todo bordado manualmente cobriu as costas da artista, trazendo o conforto de algo que acolhe e protege. Porém, na obra, ele representa o velamento social que impede a percepção das subjetividades das mulheres negras, atravessá-lo é encontrar histórias reais emolduradas. Na conversa que a obra induz, a artista gera um questionamento ao pousar uma pedra sobre a saia do vestido, o que pode ser respondido de formas variadas e singulares, mas faz referência ao seu útero perdido aos 26 anos.

A alusão da planta coqueiro e a sua facilidade de gerar bons frutos em terrenos muitas vezes hostis, é delineada pelo sobrenome de árvore dado aos negros usurpados de sua história que construíram outras histórias nestas terras. Neste momento, a obra passa, então, a representar todas as mulheres negras que sobreviveram à diáspora, ficaram raízes, geraram frutos e re-existem diariamente. Em reverência a essa ancestralidade, o Coletivo Ero Ere afirma também ser Coqueiras.

Texto assinado pelo Coletivo Ero Ere

CAPA DETALHE DA OBRA COQUEIRAS
KÊNIA COQUEIRO COQUEIRAS 2019
INSTALAÇÃO: SAIA DE NOIVA. PEDRA.
MANTILHA E CERTIDÕES DE VÁRIAS
MULHERES DE UMA MESMA FAMÍLIA
300 X 200 X 300 CM

ÍNDICE

- 6** O aprendizado do corpo da instituição
Felipe Arruda
- 8** Partilhar a soma
Divina Prado
- 10** O *Experiências Negras* nasceu
Jordana Braz | Luciana Ribeiro
-
- 14** Como e por que a experiência de coletivos de artistas negros e negras projeta novas possibilidades para as artes contemporâneas?
Jordana Braz | Luciana Ribeiro
- 18** Incômoda presença denuncia a ausência
Peter de Brito | Oswaldo Faustino
- 22** Nacional Trovoa - Pensamentos de trovoa na falta
Keyna Eleison
- 24** Reflexão sobre representatividade nos espaços de arte
Andrea Mendes
- 30** Coletivo e Negritude: palavras que se complementam em uma sociedade excludente
Ina Henrique Dias
-
- 36** Coletivos Negrxs
- 42** Biografias

O APRENDIZADO DO CORPO DA INSTITUIÇÃO

FELIPE ARRUDA

Diretor do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake

No Brasil, país erguido por mais de quatro milhões de africanos escravizados, a população negra enfrenta, ainda hoje, a desigualdade secular que tolhe direitos e restringe o acesso a espaços e oportunidades em todas as dimensões da vida. No sistema das artes e nas instituições de cultura a mesma dinâmica se reflete, sendo o privilégio branco e a consequente disparidade social marcada pela cor tão flagrantes quanto motivo de reparação urgente.

Por exemplo: entre os 2.443 artistas que figuram em 11 livros largamente utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, apenas 22 são negros ou negras¹, dos quais nenhum é brasileiro – fato que revela não apenas a exclusão histórica, mas a perpetuação das narrativas únicas, pautadas por critérios de um grupo social hegemônico. Da mesma forma, basta verificar as composições dos principais museus e espaços culturais no país para constatar a presença ínfima de afrodescendentes entre os cargos de liderança, contraste radical com um país cuja população é formada por 54,9%² de negros e que deve a riqueza de sua cultura à contribuição vasta e diversa dos povos africanos.

Se cabe a todos os que acreditam em uma democracia plena confrontar as desigualdades, ainda mais imprescindível é o papel das instituições de arte, que, por definição, devem provocar o que a cultura sedimentou, romper com a repetição cega de certas crenças, projetar novas visões de mundo, e às vezes reinventá-lo. Eis o tamanho do desafio, porque profundas e complexas são as sombras estruturais que definem uma sociedade; no nosso caso, em primeiro plano, o racismo.

Nos últimos anos, temos buscado tratar do tema a partir do reconhecimento de nossa responsabilidade. Isso passa por encarar as incoerências próprias da instituição e, sobretudo, por colocar em movimento a potência de transformação que, de alguma forma, em todos reside. Ou seja, mesmo frente às limitações, agir.



Internamente, essa busca se revela nas conversas e dinâmicas que realizamos sobre racismo, mediadas por psicanalistas e pesquisadores negras e negros, na contratação, ainda insuficiente, mas em curso, de mais colaboradores negras e negros, e no combate a práticas racistas veladas ou não. Em nossos programas, coloca-se no convite a artistas e profissionais negras e negros para protagonizarem mediações, exposições, debates, cursos, oficinas, comissões de júri de nossos prêmios anuais, curadorias e outras contribuições de destaque. Entre as reverberações dessas iniciativas está a de Histórias Afro-Atlânticas, mostra realizada em parceria com o MASP, eleita a melhor exposição do mundo em 2018 pelo *The New York Times*.

É nesse contexto que surge Experiências Negras, um projeto que apresenta e debate o protagonismo de pessoas negras nas instituições culturais. Idealizado pelas educadoras Jordana Braz e Luciara Ribeiro, consiste em uma série de encontros com profissionais negras e negros (educadores, produtores, pesquisadores, curadores e artistas), além de uma *websérie* e uma publicação com as contribuições das convidadas e convidados aos debates. É enorme o contentamento de ver esse projeto nascer, liderado com consistência e energia por duas profissionais cujas pesquisas e engajamento se somam à propriedade de fala que só a experiência é capaz de prover, como manifestam seus relatos.

Assim como esse, todos os projetos do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake são construídos pelo empenho de muitas mãos, pela colaboração de diversas equipes. Se habitar um corpo é assimilar as vivências sociais e emocionais de cada dia – uma experiência pessoal, singular e intransferível –, habitar o corpo de uma instituição é criar vizinhanças e alianças entre os corpos que nela atuam, considerando os repertórios e subjetividades desses diferentes corpos como força política e transformadora, numa soma de vivências com as quais temos a chance de aprender. Que aqui, e sempre, estejamos aprendendo.

1. Dados apresentados pelo projeto A HISTÓRIA DA _RTE, concebido por Amália dos Santos, Bruno Moreschi e Gabriel Pereira. Mais informações em: <http://historiada-rte.org/>.

2. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), coletados pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2017. Pesquisa divulgada em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>.



PARTILHAR A SOMA

DIVINA PRADO

Pesquisa e Produção de Conteúdo na
equipe de Ação e Pesquisa Educativa do
Instituto Tomie Ohtake

O Núcleo de Cultura e Participação vem realizando há anos publicações, pesquisas e projetos colaborativos pensados por muitas cabeças, construídos por muitos braços e surgidos do desejo de ramificar os diálogos, criar redes cada vez mais amplas e estimular a existência dos lugares de partilha de sentidos, experiências e saberes. O projeto Experiências Negras se configura como mais uma articulação dessa qualidade desde o seu surgimento, movimentando muitas pessoas em torno de um objetivo comum: criação de situações de partilha de experiências tendo como norte o compromisso com as revisões críticas da história que estimulam o respeito à diversidade e a transformação das práticas de mediação nas instituições de arte e cultura, tanto com os públicos quanto internamente.

Entendemos que as experiências de cada sujeito contam partes essenciais de uma história coletiva, assim intitulada porque se constrói por vivências de um número incalculável de pessoas com suas subjetividades e bagagens, habitando as instituições de arte, cultura e educação, bem como os espaços a elas vinculados ou que persistem em seus interstícios. Ao unir diversas experiências, investimos na dimensão comunitária da transformação das estruturas e das relações: partilhar o que é essencial para todos e para cada um reverbera na ampliação das possibilidades de atuação crítica dentro da sociedade e na diversidade das estratégias de luta e resistência.

Mas, em tempos de multiplicação de plataformas de registro e disseminação de opiniões, o que é importante compartilhar? Em uma das cartas enviadas a suas filhas, Mãe Aninha, importante figura da tradição nagô no Brasil, afirma que nem tudo pode ser escrito. Na época, Mãe Aninha prestava respeito aos segredos rituais e, também, refletia a repressão ao candomblé nos anos 1930. Há ainda a possibilidade de uma terceira interpretação, segundo a qual as palavras escritas são incapazes de materializar aquela parte da experiência humana que ultrapassa o saber da escrita e toma corpo, ainda que imaterial, em uma memória afetiva e compartilhada.

Experiências Negras é um projeto que não se encerra na escrita, no encontro ou na websérie, é a soma de todos esses momentos com aquela parte de difícil categorização ou registro, mas cuja potência é o que alimenta todas as outras: os possíveis desdobramentos. Desejamos que esta publicação, bem como as conversas e a websérie, possa estimular outras construções e inspirar mais pessoas neste movimento pela transformação das estruturas e das relações.

O EXPERIÊNCIAS NEGRAS NASCEU!

JORDANA BRAZ E LUCIARA RIBEIRO

Educadoras-pesquisadoras do Instituto Tomie Ohtake



O dia 15 de agosto de 2019 ainda reverbera em nossas mentes e corpos. Foi um momento muito importante para o Núcleo de Cultura e Participação e para o Instituto Tomie Ohtake como um todo. Agradecemos a presença de quem veio ao Instituto no dia e hora marcados e também aos coletivos **Áfrotometria**, **Pretas Incorporações**, **Trovoa** e à ação **A Presença Negra** pela participação no projeto. A repercussão e sucesso do lançamento do **Experiências Negras** foi resultado de muita dedicação, partilha, coletividade, ativismo e, sobretudo, a crença de que é possível a construção de uma sociedade mais justa.

Pautadas pelo caminho da educação, do ativismo e da luta antirracista, construímos um projeto horizontal e participativo onde a "educação como prática da liberdade"¹ esteve na base de todos os diálogos e ações. Queremos que o **Experiências Negras** seja um espaço de todas, todos, todes e todxs. À liberdade dos corpos tem sido uma de nossas premissas, queremos construir um lugar em que pessoas negras sintam tranquilidade e liberdade em seus corpos, que se sintam livres para serem quem são, para falarem do modo que queiram, para colocarem suas vozes no mundo.

Além de realizar um mapeamento sobre os profissionais negros e negras que atuam nas instituições culturais, buscamos, com os debates, apresentar o que esses profissionais têm realizado, evidenciando novos pensamentos, modos de organização, narrativas e protagonistas. O protagonismo de pessoas “brancas” nas instituições culturais conserva a ideia de ausência de profissionais negros, o que contribui para que poucas experiências sejam adotadas como representativas de “todas” as pessoas negras. Diante desse quadro, sentimos a necessidade de ampliar os nomes de referência na área.

Não podemos deixar de mencionar a contribuição das diversas pessoas envolvidas com a criação deste projeto. Primeiramente, vale mencionar o apoio recebido pelo diretor do Núcleo de Cultura e Participação, Felipe Arruda, pela coordenação da equipe de Ação e Pesquisa Educativa, nas figuras de Melina Martinho, Divina Prado e Priscila Menegasso, e, claro, pela equipe de educadores-pesquisadores: Bruno Ferrari, Emol, Julia Cavazzini, Luara Carvalho, Lucia Machado e Pedro Costa.

O processo de desenvolvimento da identidade visual também é um exemplo dessa construção coletiva. A partir de referências imagéticas ligadas aos movimentos e estéticas afrofuturistas, as designers Mônica Pasinato e Camila Noriko se dedicaram à busca de uma identidade visual que representasse os nossos desejos. Suas experimentações resultaram em um jogo de rostos, bocas e cores que deram visibilidade à potência do projeto.

Outra frente desse diálogo foi realizada por Eloise Martins e Ricardo Miyada, profissionais da área de comunicação. Juntos, criaram um material que respeitou a subjetividade e individualidade de cada um dos participantes e cuidadosamente organizaram os textos e as imagens a serem lançadas nas redes sociais. Acreditamos que a ressignificação dos modelos de comunicação visual vigentes também é uma ferramenta importante na luta antirracista e isso ficou evidente durante o nosso processo.

As articulações internas possibilitadas pelo Experiências Negras reverberaram dentro do Instituto Tomie Ohtake, fazendo com que profissionais negros e não negros, principalmente aqueles que podemos identificar como brancos, repensassem suas ações, que promovessem problematizações das narrativas e visões únicas que tinham como adoção. Com isso, acreditamos que a continuidade dos debates propostos pelo Experiências Negras intensificará tais reflexões e que esta segunda publicação ampliará o debate para além das paredes do Instituto Tomie Ohtake.

Notas

1 Fazemos aqui uma menção aos estudos realizados pela pedagoga afro-estadunidense bell hooks, sobretudo aos textos publicados no livro “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade”, obra originalmente publicada em 1994, nos Estados Unidos, que teve a sua primeira versão publicada no Brasil em 2013.





COMO A EXPERIÊNCIA DE COLETIVOS DE ARTISTAS NEGROS E NEGRAS PROJETA NOVAS POSSIBILIDADES PARA AS ARTES CONTEMPORÂNEAS

JORDANA BRAZ E LUCIARA RIBEIRO

Educadoras-pesquisadoras do Instituto Tomie Ohtake

Por que criar coletivos de artistas visuais negros/os? Por que alguns artistas têm optado por organizar-se em coletivos que possuem o recorte racial como premissa? É possível alcançar neste espaço coletivo outros debates e/ou relações para além do debate artístico e racial? Como fazer com que o recorte racial não simplifique ou minimize a qualidade artística, intelectual e individual de cada trabalho e artista? A partir dessa experiência em coletivo, quais possibilidades podemos projetar para o futuro das artes no país? Como os espaços e agentes hegemônicos das artes têm recepcionado tais coletivos? Essas são algumas perguntas que sentimos a necessidade de fazer.

Pensar a potência política e transgressora da coletividade como parte do processo educacional e artístico através da experiência de ser uma pessoa negra é uma premissa que buscamos apresentar no segundo encontro do projeto Experiências Negras. A importância de ocupar lugares em coletivo, como o circuito das artes, fortalece a presença de pessoas negras nos espaços, já que amplia as reflexões e a percepção da importância de inserir narrativas e experiências comuns à população negra. Compartilhar e produzir coletivamente como existência assemelha-se com o conceito de ubuntu, fundamento filosófico de origem africana, e pensar a idealização e a realização do projeto Experiências Negras é também colocar essa filosofia em prática.



O filósofo sul-africano Mogobe Bertrand Ramose¹ lida com o conceito ubuntu como uma 'filosofia do Nós', considerando seus sentidos básicos pautados na ontologia, na epistemologia e na ética. Para Ramose, o ubuntu é constituído pelos princípios da solidariedade, partilha, preocupação e cuidado mútuo, além do sentido de coletividade. Estar junto e em coletividade com outras pessoas que compartilham experiências e resistem diariamente às violências exercidas sobre corpos negros em todas as áreas da sociedade, incluindo a arte, é exercer o ubuntu e buscar o sentimento de proteção e pertencimento dentro de espaços hostis com ações e discursos contra-hegemônicos.

Podemos pensar a coletividade entre pessoas negras também a partir do pensamento de bell hooks², escritora e pedagoga afro-estadunidense que apresenta uma perspectiva atravessada pela experiência pessoal, por pensamentos, sentimentos e dores sentidas pelo seu "corpo negro". Ter hooks como ponto de partida é uma maneira de evidenciar a necessidade de falar sobre determinadas relações a partir do vivido, a

partir daquilo que atingiu a existência. hooks apresenta reflexões sobre o seu processo educacional e de ensino, apontando alguns modelos de como lidou com a experiência de ser uma pessoa negra nascida em uma estrutura social racializada e racista. Segundo a autora, a luta pela transgressão deve ser compreendida e compartilhada por todos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, sendo a coletividade uma forma para o seu alcance com amor e autocuidado. Entretanto, é fundamental que pessoas que são oprimidas pela estrutura criem seus espaços de resistências, onde possam ter suas subjetividades respeitadas.

É nesse sentido que o agrupamento em coletivos tem sido uma das alternativas encontradas por artistas negras e negros. Criar coletivos de profissionais negros é parte de uma luta por representatividades nas artes, mas sobretudo para a criação de espaço seguro de afeto, diálogo e construção de novas epistemologias. Esse modelo de organização talvez seja um dos processos de aqilombamento pontuados pela historiadora Beatriz Nascimento³.

COMPARTILHAR E
PRODUZIR
COLETIVAMENTE COMO
EXISTÊNCIA
ASSEMELHA-SE COM O
CONCEITO DE UBUNTU,
FUNDAMENTO
FILOSÓFICO DE ORIGEM
AFRICANA, E PENSAR A
IDEALIZAÇÃO E A
REALIZAÇÃO DO
PROJETO EXPERIÊNCIAS
NEGRAS É TAMBÉM
COLOCAR ESSA
FILOSOFIA EM PRÁTICA.

Pensar a coletividade em um sistema que valoriza a autoria individual, o nome, a “marca”, é por si só um ato de resistência, e atrelar isso a um recorte de classe, de gênero e étnico-racial é potencializar o desejo e a luta por uma contranarrativa. Apesar do corpo coletivo proporcionar construções compartilhadas, não podemos esquecer que uma de suas bases é o convívio entre diferenças, particularidades e pensamentos. Conseguir equilibrar tais pontos não é fácil e requer muito esforço dos seus membros. Atuar em coletividade não significa alcançar harmonia total dos corpos. A tensão, o debate e a divergência também são parte do corpo coletivo e podem ser meios possíveis para o seu crescimento. Para isso, faz-se necessário pensar os lugares de fala, de escuta e de autocrítica, e essas têm sido algumas das motivações que artistas negros e negras têm apontado para a criação de seus coletivos.

Dentro desse conjunto de coletivos negros, percebemos uma variedade de interesses. Alguns coletivos se agruparam a partir do debate de gênero, como o coletivo TROVOA, que une mulheres negras na realização de um debate interseccional das artes, e o coletivo AFROBAPHO, composto por artistas negras/os LGBTQIA+; já outros, a partir da linguagem artística experimentada, como o AFROTOMETRIA, que reúne fotografias/os negras/os; outros exemplos são coletivos que se organizaram a partir de um evento específico, como a ação A PRESENÇA NEGRA; há também aqueles que buscam a criação de novos formatos para se fazer e pensar artes a partir da decolonialidade, como a AEANFDC (ambiente de empretecimento da arte nacional a favor da descolonização cultural); enfim, esses são apenas exemplos de diversidade.

Essa diversidade demonstra que o recorte racial não é o único interesse desses coletivos e que não os limita ou essencializa, mas, ao contrário, potencializa suas ações e produções, questiona os espaços das artes e os formatos adotados por estes. Tais propostas também são buscas por transgressões. É importante compreendermos que as experiências de coletivos de artistas negros e negras também projetam novas possibilidades para as artes contemporâneas e as instituições culturais devem se alinhar a essas buscas.

Foi pensando nisso que convidamos os coletivos AFROTOMETRIA, PRETAS INCORPORAÇÕES, TROVOA e a ação A PRESENÇA NEGRA para o debate. Cada coletivo apresentou perspectivas a partir de suas práticas e experiências artísticas no campo das artes a partir da fala de seus representantes: Ina Henrique Dias contou sobre a formação do coletivo AFROTOMETRIA e como os integrantes vivenciam e repensam a participação de profissionais negras e negros na fotografia brasileira, pontuando a sua experiência atravessada não apenas pelo recorte racial, mas também pelo gênero e classe; Andrea Mendes refletiu sobre o circuito das artes no Brasil e a importância de inserir narrativas a partir da participação de coletivos como o PRETAS INCORPORAÇÕES, que atua em regiões do interior de São Paulo, onde as instituições e espaços culturais possuem fragilidades maiores que nas grandes capitais; Keyna Eleison apresentou a formação do TROVOA e discorreu sobre como as atividades do coletivo foram recebidas e articuladas nacionalmente, pontuando as dificuldades e diversidades presentes em diferentes localidades e produções artísticas; e Peter de Brito comentou sobre as ações realizadas pela A PRESENÇA NEGRA e o modo como foram recebidas no campo das artes e pela mídia, onde, em alguns casos, foram estereotipadas em pensamentos racistas e simplistas.

Nas próximas páginas, a participação de cada coletivo permanece através dos textos escritos pelas/os integrantes que compuseram a mesa, dando continuidade às trocas ocorridas no dia do evento. Esperamos que vocês reflitam os pontos trazidos na escrita de cada integrante e que seja um caminho para o diálogo entre os coletivos representados e o público, possibilitando a criação de novos grupos e a ampliação do sentimento de agir-estar-resistir em coletividade.

Desejamos a você uma boa leitura!

Notas

1. Mogobe Bertrand Ramose é um filósofo sul-africano e um dos principais pensadores sobre a filosofia africana e especificamente a filosofia do Ubuntu. Ramose é Professor de filosofia na Universidade da África do Sul, em Pretória.
2. Gloria Jean Watkins nasceu em Hopkinsville, Kentucky, e adotou o nome de sua tataravó, bell hooks, para assinar os seus livros. A artista, crítica cultural, escritora e feminista solicita que a escrita de seu nome seja realizada sempre em letras minúsculas, como parte de um processo da sua busca por horizontalidade na educação e escrita. hooks escreveu diversos livros e publicou trabalhos em diversos assuntos. Seus escritos falam de gênero, raça, classe social, espiritualidade, ensino e o significado da mídia na cultura contemporânea.
3. Beatriz Nascimento foi uma historiadora, professora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos. Atuou em diversas frentes dos movimentos negros e dos feminismos negros. Estudou sistemas de organização das lutas e resistências negras dentro da formação social do Brasil, analisando a formação dos quilombos, das favelas e dos territórios contemporâneos de resistências.



INCÔMODA PRESENÇA DENUNCIA A AUSÊNCIA

PETER DE BRITO

Professor e artista visual

OSWALDO FAUSTINO

Jornalista, escritor, ator e
contador de histórias

A presença Negra

“Onde estão os negros?”... durante meses, no ano passado, quem passasse pelo MASP, na Avenida Paulista, ou pelo Instituto Tomie Ohtake, em Pinheiros, lia essa indagação – quase uma provocação – em letras garrafais, anunciando a exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, realizada, simultaneamente, naquelas duas instituições. Cerca de quatro anos antes, porém, por iniciativa dos artistas visuais Peter De Brito e Moisés Patrício, negros e negras que, até então, eram considerados raridade em galerias de arte e demais espaços reservados às artes plásticas na cidade de São Paulo, resolveram marcar, coletivamente, presença em alguns desses espaços, questionando também a ausência desses artistas nos acervos e nas exposições realizadas em museus e instituições de arte.

Surgia, então, a performance/ação A Presença Negra, realizada principalmente por artistas visuais, críticos e pesquisadores afro-brasileiros. Foram realizadas 15 ações, iniciadas em outubro de 2014, na Galeria Luisa Strina, no bairro Cerqueira César, em São Paulo, que mobilizaram, em cada uma delas, algo em torno de duas dezenas de pessoas.

A Presença Negra gerava incômodo a donos ou gerentes de galerias, alguns expositores e demais frequentadores, que demonstravam tensão, como que esperando alguma manifestação, quem sabe, antirracista, ou algo parecido, que nunca acontecia. Na verdade, as pessoas integrantes do grupo A Presença Negra iam chegando separadamente e, quando se percebia, lá estavam observando as obras e comentando, geralmente, entre si, pacificamente e com a maior naturalidade. Isso, porém, não desfazia o incômodo. A presença é literalmente a performance, sem intenção panfletária. O fato mais inusitado que aconteceu durante essas ações foi a orientação, por parte de alguém responsável pela galeria, para que a fotógrafa encarregada de fazer o registro da abertura da exposição não fotografasse os afrodescendentes de A Presença Negra.

A presença coletiva de um público negro ajudava a formalizar a indagação sobre a ausência de um número expressivo de artistas negros e negras, que produzem arte, mas não despertam o interesse de galerias, sendo que algumas delas ainda acreditam em uma democracia racial e que não existe isto de cor de pele nas artes, negando a produção de artistas que lidam com a questão da herança afro-brasileira – dessa forma, não possuem artistas afro-brasileiros em seu rol, pois não acreditam em seus discursos.

A performance/ação chamou a atenção da mídia e na quinta ação, ocorrida na Galeria Millan, na rua Fradique Coutinho, em Pinheiros, em 29 de janeiro de 2015, onde foram expostas obras tridimensionais de Afonso Tostes sobre ferramentas de trabalho usadas em cujos cabos ele esculpiu representações de ossos humanos, compareceram repórter e fotógrafo da Folha de S. Paulo. O jornal documentou essa ação chamando-a de "rolezinho" numa associação às ações de jovens da periferia em shopping centers condenadas pelos comerciantes, funcionários e seguranças. Considerou-se que, coletivamente, essas pessoas estavam onde não deveriam estar.

O que muitos não perceberam é que a simples presença negra de forma coletiva já se configura manifestação política, não partidária, pois revela não uma iniciativa de interesse pessoal, artístico ou comercial, mas de um segmento da sociedade que lá se encontra com seu olhar crítico, mesmo que seja de aprovação. No caso, por exemplo, da artista negra Lídia Lisboa, que expôs seus trabalhos e realizou performance, em fevereiro do mesmo ano, na Galeria Rabieh, A Presença Negra visava a representar um suporte de apoio e incentivo à profissional, à artista. Do grupo também faziam parte artistas afro-brasileiros, consagrados ou não, cuja presença conferia um caráter qualitativo à ação. Para os menos acostumados a esse tipo de arte e ambiente de exposição, eram aqueles que, generosamente, compartilhavam seus conhecimentos e possibilitavam um olhar coletivo a detalhes muitas vezes não percebidos, nem mesmo por outros visitantes. Assim como os movimentos artísticos decorrem de ações coletivas, a formação de público também pode lançar mão desse artifício, acrescentando ao entendimento técnico o prisma do que existe em comum no grupo que, no caso, tratava-se de sua origem étnica e tudo o que envolve esse fato, num mundo em que a diversidade muitas vezes não é levada em consideração.



Crédito: Peter de Brito

ACÇÃO A PRESENÇA NEGRA

A Presença Negra coloca em contato artistas, pesquisadores e intelectuais negros. Estabelecendo relações de afeto, contribuindo para desenvolvimento e crescimento do outro, permite também, por meio das redes sociais, a divulgação de informações e eventos como residências artísticas, exposições, cursos etc. Também promove encontros físicos para que as trocas sejam fortalecidas.

Recentemente, presenciamos aberturas em série de exposições com afro-brasileiros em galerias, como a de Rosana Paulino, de Sidney Amaral, de Jaime Lauriano, de Sônia Gomes, e também em instituições culturais e museus, como de Juliana dos Santos, no Paço das Artes, de Emanuel Araújo, no MASP, de Rubem Valentim, também no MASP, e as exposições coletivas como Histórias Mestiças (2014), no Instituto Tomie Ohtake, Territórios: Artistas Afrodescendentes no Acervo da Pinacoteca (2016), Diálogos Ausentes (2017), no Itá Cultural, Metrôpole: Experiência Paulistana (2017), na Pinacoteca do Estado, Histórias Afro-Atlânticas (2018), em exibição conjunta no MASP e no Instituto Tomie Ohtake, a Pretatidade (2019), no SESC Vila Mariana, e também ocorreram aquisições, por parte de museus, de obras de artistas afro-brasileiros.

Espaços estão sendo conquistados, exposições estão sendo realizadas, discussões estão acontecendo, surgem curadores afro-brasileiros, artistas visuais se formam na academia. Diante desse panorama, é impossível que os artistas afro-brasileiros ainda sejam ignorados pelas instituições culturais e pelas galerias, assim como pela História da Arte Contemporânea brasileira.

Atualmente, os coletivos de artistas e intelectuais afro-brasileiros proliferam e atuam, de modo a agregar mais e mais pessoas, chamando-as a discussões mais que necessárias para que venham a ocupar, de fato, o lugar que lhes cabe na sociedade brasileira.

ESPAÇOS ESTÃO SENDO CONQUISTADOS, EXPOSIÇÕES ESTÃO SENDO REALIZADAS, DISCUSSÕES ESTÃO ACONTECENDO, SURGEM CURADORES AFRO-BRASILEIROS, ARTISTAS VISUAIS SE FORMAM NA ACADEMIA. DIANTE DESSE PANORAMA, É IMPOSSÍVEL QUE OS ARTISTAS AFRO-BRASILEIROS AINDA SEJAM IGNORADOS PELAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E PELAS GALERIAS, ASSIM COMO PELA HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA.

ACÇÃO A PRESENCIA NEGRA



NACIONAL TROVOÁ - PENSAMENTOS DE TROCA NA FALTA

KEYNA ELEISON

Curadora internacional independente
Nacional Trovoa



Tenho sentido muita falta, muita falta de conversa, falta de troca, excesso de falta. E fui percebendo que existe toda uma produção nessa falta, produção esta atual, que torna tudo comóдите e a partir daí vira algo na potência do belo e da pungência. Mas, se a partir do nada podemos chegar a tudo, como qualificar sofrimentos? Como perceber essa falta como algo que possa ser linguagem no mesmo local que é colocada como tema? Como esta percepção de ser colocada como tema já foi assimilada e desenvolver dispositivos de implosão da estrutura sem passar pela autodestruição e solidão?

Comóдите, potência do belo e pungência vêm de uma universalidade, de um senso comum nos faz notar o óbvio, e muitas vezes óbvio é a mais violenta relação de atravessamento de pessoas, individualidades e vidas. É óbvio, por exemplo, quem está acostumada a ser vista e quem está acostumada a ver, quem se mantém na função de emissor e quem mal se estabelece na condição de receptora.

E como ver que esta relação é um produto, comóдите (!), e assumir esse mecanismo e tomar posse dele? A troca tem sido uma eficaz ajuda para esse sistema. E é possível a partir dela criar. A fala é um recurso de troca, questionada e removida do seu espaço de ação cotidianamente. Ser lida tem sido mais importante do que ser escutada. Os espaços de escuta recorrem a leituras que vêm de uma tradição eurocentrada que historicamente teve seu início na tradição oral. Autofagia? Nunca. Desmonte possível. Sigo falando. E escrevendo. E falando...

Vidas estruturadas a partir de uma localização, integralmente, são passíveis de ações de tomada de consciência. E estamos habitando uma agora: Nacional Trovoa.

Nacional Trovoa é um coletivo, um levante, um movimento uma possibilidade de manutenção de vida.

Coletivo por se colocar a partir de unidades juntas. A dissolução da individualidade de cada uma não é opção aqui. Justamente na vontade e potência individual que a coletividade existe.

Começamos em uma cidade, contadas nos dedos de uma mão, artistas se unem para entender como ser artista e mulher e negra.

Como chegar até a faculdade de artes, como consumir a literatura proposta, como acessar materiais propostos e desejados para seguir criando? Como criar? Todo esse processo me coloca como artista no mundo? Como fazer? O melhor é olhar para o lado e ver que essa situação não é pontual. E se apresenta mais contundente e atada a corpos de pessoas femininas e racializadas. Que estamos aqui e podemos ficar do nosso lado. Uma do lado da outra. E a galeria não foi suficiente, a cidade não dava conta, e como água e luz, encharcamos e começamos a nos comunicar e estar em todo o país.

Um levante a partir da lógica que a intercambiação é imprescindível e ampliadora.

Foram encontros periódicos de escuta, atividade, alimentação, beberagem, risada, revolta, incômodos, música, dança... Encontros estes que se tornaram linguagem pura para desenvolvimento de leitura de cosmogonias e notarmos que não estamos localizadas no lugar do outro, somos outras pessoas, colocadas na exoessência e que não se percebem como falha. E seguimos na junção, não junção, de propósitos, propostas e propositivas.

Movimento a partir do solo. Percorremos pela base. Pela ciência que território é corpo e não existe externalidade. Seguimos, entendendo a partir de cada uma de nós que não estamos sozinhas, que a solidão é um exercício estruturado de morte e que estamos aqui para ficar.

Como manutenção de optar por viver, por optar. Por mais que seguir um fluxo, partir para um fluxo, se manter no fluxo e criar fluxo. Vamos aqui, não apenas questionar a parte que nos cabe em cada latifúndio, mas a própria ideia de latifúndio. Nos colocamos como todo o mundo, já o carregamos cotidianamente. Sabemos viver a partir do não e criar, vamos juntas negar e assumir o não e trazer vida, repartir a dicotomia a partir de coletividade, de multiplicidade, e entender, a cada ampliação, que a ideia do que se chama arte é campo de vida, não apenas é nosso, somos nós, artistas, curadoras, críticas, ativas.

Num paralelo em comum, Arte, Trovoa é o que somos. Mulheres racializadas em sua plenitude. Que não pedem licença para estar no próprio espaço. E o próprio espaço é simplesmente qualquer lugar.

E vai ser um nunca parar. E seguir perguntando, questionando e juntando.

E opto aqui por trabalhar uma outra fonte de imagem a cada pessoa que lê este texto. Criar em si uma possibilidade de imagem que abarque todas as potências que façam ruir uma estrutura, com presenças, risadas, danças, mãos, vozes, pessoas, falas, pés, alimentos, chás, odores...

Ou simplesmente imaginem uma fração de tempo mínima antes da grande explosão.

Ou escutem a capacidade do torque de asas em um voo em conjunto.

Ou pensem em cada mulher preta que vocês se surpreenderam por estarem em locais que não seriam esperados.

Ou pense que esta mulher é você e se enxergue.

E vai ser um nunca parar. Somos apenas a continuação...



REFLEXÃO SOBRE REPRESENTATIVIDADE NOS ESPAÇOS DE ARTE

ANDREA MENDES

Artista Visual, professora,
arte-educadora e
curadora independente
Pretas InCorporações

Ainda hoje, mesmo estando no mundo contemporâneo, os artistas afro-brasileiros, lidos como negros, estão impressos no imaginário como inferiores, tendo sua presença invisibilizada e negada nos lugares de poder. Diante disso, os processos curatoriais, coletivos de artistas e ações educativas realizadas por pessoas negras assumem o desafio de ressignificar essas representações, “reapresentando” as influências e contribuições dessa vivência, presentes na identidade e representações artísticas para a contemporaneidade, extrapolando o imaginário da escravidão que reduz a leitura dessas contribuições. Para além disso, estes atores sociais têm o papel importante na visibilização de artistas negras e negros, dos mais diversos lugares de investigação artística, aproximando artistas de diversos territórios através de ações coletivas que contribuem para que os espaços de arte se tornem mais democráticos.

Assim surgiu o Coletivo Pretas InCorporações, criado em 2017 na cidade de Campinas, interior de São Paulo, a partir da minha inquietação diante da invisibilidade das artistas e pesquisadoras negras nos espaços de arte. O meu incômodo maior era o fato de me sentir sendo sempre a única artista negra das exposições coletivas e dos salões que participei. Eu, como uma militante e conhecedora das nuances estruturais do racismo, sabia que a minha solidão não ocorria por acaso, mas por conta de um

sistema que invisibiliza e nega capacidades criativas e intelectuais de pessoas negras. Foi em meio a essa inquietação que recebi um convite da Secretaria de Cultura de Campinas para fazer uma exposição no mês de novembro daquele ano em comemoração ao dia da Consciência Negra, quando decidi fazer um chamamento público para artistas mulheres negras do Sudeste, propondo uma mostra coletiva. Para a minha surpresa, houve mais de 50 inscrições, das quais selecionei 12 artistas. Eram artistas de diversas cidades e regiões, inclusive de outros estados, como uma artista que era do Paraná. À mostra, de mesmo nome do coletivo, foi exibida na Estação Cultural de Campinas em parceria com a Secretaria de Cultura de Campinas. O sucesso foi muito grande, o que gerou convites para expormos em outros três espaços: Galeria PUC, em Campinas, Pinacoteca Diógenes Duarte Paes, em Jundiá, e Casa de Cultura Fazenda Roseira, em Campinas.

Atualmente o coletivo conta com 14 artistas: 11 do estado de São Paulo, 2 de Minas Gerais e 1 do Espírito Santo. Todas nós temos formação acadêmica, porém, enquanto cursamos nossas carreiras de estudo, nenhuma de nós tivemos referências de artistas negras ou negros na história da arte ou qualquer disciplina a respeito. Para além de ocupar os espaços, nós temos promovido discussões sobre a arte, a partir de referências teóricas e artísticas afrocentradas. Pretas InCorporações vem oportunizando ao público afro-indígena representações artísticas que elevem suas imagens, antes retratadas por códigos que diminuem e/ou ocultam a sua humanidade. Em pouco mais de dois anos, já desenvolvemos cinco exposições coletivas, mostras individuais, participamos de residência artística e festivais de arte. Somos o primeiro coletivo de artistas visuais negras da região de Campinas e um dos poucos de São Paulo e do Sudeste do Brasil.

OS ARTISTAS, CURADORES E EDUCADORES NEGROS OCUPAM UM LUGAR IMPORTANTE DE RESGATE DA IDENTIDADE E DE AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO E DO SENSO CRÍTICO NA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS.

Os espaços de arte ainda seguem em passos lentos em direção ao reconhecimento da qualidade das obras de artistas negras. Atualmente alguns espaços têm aberto as portas para curadores negros que trazem consigo projetos que visam reposicionar e emancipar as artes tradicionais e contemporâneas africanas e das diásporas, reivindicando, para além da representação, “Representatividade”. Nessa perspectiva, fazer falar coletivamente o que é “calado” e “invisibilizado” tem sido o nosso objetivo. Sem restringir as potencialidades de sentido que cada obra individualmente possui, buscamos agir de forma sensível a discussões espinhosas e atuais, como a revisão de uma história da arte marcadamente branca e a falta de representatividade negra nos espaços de prestígio. Diane Lima, pesquisadora e curadora, afirma: “Sujeitos potencializados, eles se enunciam contestando a dívida histórica, as categorizações às quais foram sempre submetidos, as ausências dos artistas negros e a invisibilidade da produção” (LIMA, 2017, p. 138).

O ano de 2018 completou 130 anos da abolição da escravidão e também foi um ano marcado por duas exposições de grande importância. A primeira foi "Histórias Afro-Atlânticas", com curadoria de Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lilia Moritz Schwarcz e Tomás Toledo, que apresentou uma seleção com 850 obras, dos séculos 16 ao 21, em torno dos "fluxos e refluxos" entre a África, as Américas, o Caribe e também a Europa, dialogando com as culturas visuais dos territórios afro-atlânticos, suas vivências, criações, cultos e filosofias. A segunda foi a mostra "Ogbon Itan, a arte e a história das áfricas no Brasil", sob minha curadoria. A exposição ocorreu em Campinas, a última cidade no mundo a abolir a escravidão, especificamente no Instituto Cultural Babá Toloji, lugar validado pelo antropólogo congolês Prof. Dr. Kabengele Munanga como aquele que possui o maior acervo de arte africana da América Latina. A exposição Ogbon Itan propôs conexões identitárias profundas entre a África e o Brasil através da exibição 57 obras tradicionais e contemporâneas vindas das diversas regiões africanas.

As mostras se tornaram marcos em número de público visitante de pessoas negras nos espaços onde foram exibidas, o que demonstra a carência de representatividade para esse público em tais lugares. Reconhecer a importância deste público, que representa a maioria da população do país, é responsabilidade de todos, devendo legitimar suas contribuições históricas para construção do país, valorizando-as e inserindo-as de forma democrática. A escritora e pedagoga Ana Mae Barbosa afirma que a arte "supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence" (BARBOSA, 1998, p. 16). Os artistas, curadores e educadores negros ocupam um lugar importante de resgate da identidade e de ampliação do conhecimento e do senso crítico na sociedade em que vivemos. Não é uma missão fácil, porém, assumir essa responsabilidade é seguir os passos de quem nos antecedeu e que tornou possível ocuparmos tal posto. É muito complexo criar esta ponte entre público negro e periférico em museu, porém, é necessário. Para tanto, é preciso assumir o abismo existente entre eles e voltar o olhar para o sistema colonialista.

Para Hall, muitas estratégias discursivas foram típicas de um regime racializado de representação que associou os negros à natureza, atenuando, desse modo, suas diferenças culturais. A lógica dos regimes racializados de representação estava em pregar e perpetuar a diferença: "se as diferenças entre brancos e negros são 'culturais', então eles são receptivos à modificação e à mudança". A "naturalização" é, portanto, uma estratégia representacional destinada a fixar a diferença e assim garanti-la para sempre (HALL, 1997, p. 244-45).

EXPOSIÇÃO DO COLETIVO PRETAS INCORPORAÇÕES



Crédito: Crisley Caroline

Segundo Hall, as representações estereotipadas do “outro”, quando apresentadas sem indagação, acabam sendo naturalizadas e transformadas em “verdades”. Para o “ser negro”, a falta de análise nas representações das imagens produzidas por não negros marcou a falta de reconhecimento identitário. Artistas como Debret e Diógenes Duarte Paes foram grandes responsáveis por este tipo de representação estereotipada olhando para o corpo negro de forma objetificada e animalésca, cada um no seu período histórico. Diane Lima fala que a importância das análises culturais das representações racializadas do “outro” está em salientar o modo como são culturalmente construídas essas “verdades” naturalizadas e permanentes, questionando os efeitos causados aos afro-brasileiros. Sendo assim, criar estratégias representacionais produtoras de valores é importante para firmar um alicerce consistente na construção de um novo olhar do “ser negro” para si próprio e do outro para com suas produções.

Sabemos que a maioria das obras, até o século passado, era desenvolvida por artistas provindos das elites europeias ou herdeiros dela, com a finalidade de valorizar a ideia de poder das pessoas brancas sobre os demais. Neste sentido, faz-se necessário que as instituições de arte, que possuem acervos ou não, criem ações formativas dentro dos seus educativos que reflitam sobre essas representações e como dialogar com essas obras na contemporaneidade.

Ana Mae Barbosa (2010) fala da necessidade de um compromisso com a diversidade cultural através da Arte-Educação, não focando apenas em códigos europeus e norte-americanos, mas dando mais atenção à diversidade de códigos em função de raças, etnias, gênero, classe social e cultura local. Para a autora, quando se fala em cultura é possível constatar que quase sempre apenas o nível erudito é validado ou admitido na escola, como, por exemplo, Tarsila e Portinari. A autora enfatiza que as culturas de classes sociais desfavorecidas economicamente são ignoradas pelas instituições de educação, inclusive pelos que estão envolvidos na educação dessas classes (BARBOSA, 2010, p. 3).

Paulo Freire afirma que a mobilidade social depende da inter-relação entre os códigos culturais das diferentes classes sociais e o entendimento do mundo depende de uma ampla visão que integre o erudito e o popular. Intitulados de “templos da cultura” por Ana Mae Barbosa, os museus preservam a cultura erudita como seu principal valor. São o lugar onde a maioria do público é composto por pessoas que já possuem uma formação cultural e que compõem o seletivo mundo da classe economicamente favorecida, enquanto o público periférico não se sente pertencente dentro desses espaços devido às construções imponentes, às localizações geográficas, às obras que pouco dialogam com suas inquietações, à falta de qualidade no ensino de arte-educação na educação formal e ao pouco interesse das instituições em estabelecer relação com esse público.

Para que haja realmente um trabalho de formação cultural inclusiva, é preciso, em primeiro lugar, tirar todos os estigmas pejorativos dos grupos excluídos socialmente e elevá-los à condição de humanidade, como seres capazes de socializar, de produzir conhecimento, de apreciar e de pensar, estabelecendo relações de tempo e lugar através de ações interdisciplinares que levem a uma arte educação comprometida com o social. A discussão de temas como raça, gênero, classe social, espaço geográfico, educação, religião etc. possibilita uma maior compreensão e sensibilidade aos problemas e preconceitos, auxiliando a libertar o pensamento discriminatório em relação a pessoas de diferentes culturas, criando uma percepção dos valores e cultura do outro e uma compreensão de que em nossa vida participamos de mais de um grupo cultural.

Concluo esperançosa de que práticas artísticas, educativas e formativas, como o projeto Experiências Negras idealizado pelas profissionais Jordana Braz e Luciara Ribeiro da equipe de Ação e Pesquisa Educativa do Instituto Tomie Ohtake, sejam nosso “Tempo de Cura”¹. Para que possamos ressignificar os valores usurpados, dando visibilidade às produções de artistas negros e negras, tornando-nos seres emancipados e protagonistas da nossa própria história.

Notas

¹ Termo usado por Diane Lima em sua dissertação de mestrado fazendo referência ao filme Tempo de Cura, lançado em 2017, com direção de Gore Verbinski.

Bibliografia:

LIMA, Diane. Fazer Sentido para fazer sentir: Ressignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras. Dissertação de mestrado apresentada à PUC-SP em 2017.
BARBOSA, Ana Mae. (Org). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2010.
HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.
GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Transpondo as Fronteiras da Periferia. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). Rap e educação, Rap é educação. São Paulo: Selo Negro, 1999. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=akqVPv9XJ88C&pg=PA39&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

INTEGRANTES DO COLETIVO PRETAS INCORPORAÇÕES



Crédito: Stella Pinheiro

A DISCUSSÃO DE TEMAS COMO RAÇA, GÊNERO, CLASSE SOCIAL, ESPAÇO GEOGRÁFICO, EDUCAÇÃO, RELIGIÃO ETC. POSSIBILITA UMA MAIOR COMPREENSÃO E SENSIBILIDADE AOS PROBLEMAS E PRECONCEITOS, AUXILIANDO A LIBERTAR O PENSAMENTO DISCRIMINATÓRIO EM RELAÇÃO A PESSOAS DE DIFERENTES CULTURAS, CRIANDO UMA PERCEPÇÃO DOS VALORES E CULTURA DO OUTRO E UMA COMPREENSÃO DE QUE EM NOSSA VIDA PARTICIPAMOS DE MAIS DE UM GRUPO CULTURAL.

COLETIVO E NEGRITUDE: PALAVRAS QUE SE COMPLEMENTAM EM UMA SOCIEDADE EXCLUDENTE

INA HENRIQUE DIAS

Professora da rede pública
de ensino e fotógrafa
Coletivo Afrotometria

O AFROTOMETRIA é um coletivo de fotógrafas e fotógrafos negros/as que se uniram com a proposta de elaborar e assinar projetos fotográficos e audiovisuais, com olhares atentos e ativos na sociedade racista em que vivemos e contrapondo a invisibilidade de profissionais negros. O objetivo do coletivo é tomar posse de seus lugares de fala para, através de suas perspectivas afrocentradas, agir como protagonistas dentro do mercado de arte brasileira.

O surgimento do coletivo ocorreu em 2018, um momento em que a negritude estava em voga, onde muitos fotógrafos estavam trabalhando com temáticas pautadas pelo debate racial. Na maioria dos casos, os profissionais não eram negros, o que nos causou certo incômodo. Ainda mais porque sentíamos que eles se apropriavam da temática racial sem ao menos conhecê-la ou tê-la vivenciado. Entendemos o recorte racial como sendo de suma importância, principalmente se pensarmos que vivemos em uma sociedade estruturada pelo racismo, que invisibiliza e inviabiliza o acesso de pessoas negras a muitos espaços e meios profissionais, sendo um deles a fotografia.



**INTEGRANTES DO
COLETIVO AFROMETRIA**


É comum observarmos no meio artístico a atribuição de maior importância para produtores e imagens onde os protagonistas não são negros, o que faz com que a população negra se sinta pouco retratada, representada e autora de suas imagens. Compreendemos isso como ainda mais grave quando se refere a obras que retratam culturas latino-americanas, estadunidenses e africanas, visto que nessas regiões há números consideráveis de pessoas negras. Então, sob esse prisma, verificamos a necessidade de criar um coletivo de fotógrafos(as) negros(as) que atue com ativismo e resistência.

Outro ponto do racismo estrutural que percebemos e sentimos refere-se ao modo como os nossos corpos são acolhidos em determinados espaços. Como coletivo e como indivíduos, despertamos curiosidade quando adentramos espaços onde a maioria das pessoas não são negras. Nesses casos, espera-se de nós determinadas posturas ou visões artísticas que nos fazem sentir objetificados, limitados, simplificados, exotizados e essencializados. Mesmo com tais questões, esse recorte não nos impede de persistirmos com o nosso trabalho e poética, pois vemos a arte como forma de expressão e luta. Acreditamos que devemos ocupar todos os espaços, mostrando a pluralidade de diferentes homens e mulheres negras, pois essa é a diversidade que nos enriquece culturalmente. Para nós, todo espaço é um espaço político e, sendo assim, o nosso intuito é ocupar todos os espaços com uma fotografia vista a partir de um prisma da negritude.

Notamos que há uma diferença quando atuamos em espaços onde a maioria das pessoas são negras. Neles, somos vistos com admiração, como exemplos a serem seguidos. Gostaríamos que essa mesma recepção se expandisse para outros espaços, como os museus e instituições culturais. Tais espaços deveriam rever algumas de suas ações, pois muitas são excludentes e mantêm estruturas racistas. Cansamos de ver os corpos negros sendo objetificados, sexualizados e subjugados, a sociedade não deveria mais permitir esse tipo de postura.

Há cerca de um mês, houve um concurso de fotografia em um instituto cultural famoso, que inclusive homenageia um fotógrafo baiano que documentava a negritude baiana, e, pasmem, não houve nenhuma pessoa negra entre os ganhadores. Além disso, os ganhadores eram moradores da região Sudeste do Brasil, mesmo esse concurso acontecendo em um estado onde a presença negra é predominante. Uma das justificativas informada por tal instituição foi a de que tais fotógrafos eram experientes e com carreira no exterior. Sabemos que isso não corresponde à verdade, mas alimenta a continuidade de um racismo estrutural.

OUTRO PONTO DO RACISMO
ESTRUTURAL QUE
PERCEBEMOS E SENTIMOS
REFERE-SE AO MODO COMO
OS NOSSOS CORPOS SÃO
ACOLHIDOS EM
DETERMINADOS ESPAÇOS.

Crédito: Tiago Santana



NOTAMOS QUE HÁ UMA
DIFERENÇA QUANDO
ATUAMOS EM ESPAÇOS
ONDE A MAIORIA DAS
PESSOAS SÃO NEGRAS.
NELES, SOMOS VISTOS
COM ADMIRAÇÃO,
COMO EXEMPLOS A
SEREM SEGUIDOS.

Atitudes como essas são excludentes, colonialistas e, muitas vezes, sexistas. Outra questão que merece ser pensada é em relação ao gênero. Ser mulher e negra no meio fotográfico não é uma tarefa fácil. Observo que muitos homens, em pleno século XXI, ainda duvidam de nossa capacidade intelectual e da qualidade da nossa produção artística. Geralmente, quando estou cobrindo uma ação grande, como uma manifestação, ou até mesmo quando estou documentando as ocupações diversas no Parque Minhocão, sinto olhares de surpresa, olhares que perguntam: o que ela faz aqui? Será que é fotógrafa mesmo?

Não me esqueço do dia da vernissage da exposição *Contra-Vistas do Minhocão*, realizada no final de 2016, concurso que teve apenas duas mulheres como vencedoras, eu e uma outra fotógrafa branca. Nesse dia, um fotógrafo chegou até mim inconformado dizendo que não era possível que eu tinha ganho tal concurso, pois ele havia feito uma foto do mesmo lugar e do mesmo ângulo. É por situações e falas como essa que a minha luta é necessária.

O coletivo vem, nesse sentido, mostrando que nós, negros, temos o direito de estar em galerias, museus e institutos culturais como protagonistas e gerindo outros artistas negros. Dentro do coletivo, procuramos manter a nossa individualidade, mas sempre nos identificamos com tudo que cerca a negritude e essa é a nossa maior bandeira.

Dentro do coletivo, que atualmente é formado por quatro membros, cada um busca a sua linguagem fotográfica e personalidade visual. Fernando Solidade Soares é fotógrafo, videomaker e arte-educador. O seu trabalho visa mostrar a militância nas periferias de São Paulo. Sergio Fernandes trabalha dando visibilidade a grupos em situação de vulnerabilidade social e a artistas independentes da cidade de São Paulo. Tiago Santana, que é jornalista e repórter fotográfico, se especializou em retratos de pessoas negras e desenvolve projetos e ensaios. E eu, Ina Henrique Dias, historiadora, pedagoga, professora e fotógrafa, me dedico a captar e mostrar a cidade e suas transformações, mostrando a população negra como protagonista e como seres humanos atuantes na cidade de São Paulo.





CARNE



Crédito: Priscilla Mello

REGISTRO DA PERFORMANCE DE RENÉ LOUI
DURANTE O II PALCO PRETO | 2017 | MUSEU DE
ARTES AFRO-BRASIL ROLANDO TORO

COLETIVOS NEGRXS COLETIVOS NEGRXS COLETIVOS

COLETIVO CARNE

Criado em Pernambuco em 2016, o CARNE coletivo de arte negra é um grupo de artistas, comunicadores, produtores e pesquisadores livres que se reúnem no Recife e Região Metropolitana na intenção de articular estratégias de acesso da população preta brasileira à formação, produção, pesquisa e difusão artística, levando em consideração a cultura que descende da diáspora africana no Brasil.

Driblando as práticas hegemônicas excludentes do meio artístico por meio da articulação de redes de apoio mútuo entre pessoas negras, o CARNE recria antigos espaços e cria novos lugares para artistas que muitas vezes encontram barreiras para o escoamento de suas produções.

Crédito: Amanda Racielle



COMBATE COLETIVO
DE ARTES PRETAS

COLETIVO COMBATE

O Combate Coletivo de Artes Pretas é um grupo de artistas-pesquisadores inseridos dentro da linguagem teatral e visual com foco em culturas negras. O projeto debate o extermínio da juventude preta, pobre e periférica diante da violência do Estado, trazendo à tona a reflexão a respeito do sofrimento emocional das mães que perdem seus filhos para a violência policial e denunciando, também, através da linguagem teatral, o quão omissivo é o Estado.



Crédito: Amanda Racielle

INTEGRANTES DO COLETIVO COMBATE

ITAN COLETIVA

Itan Coletiva é composta por três artistas-pesquisadoras negras: Jaq Braum, Marina Afares e Amanda Racielle; unidas com o propósito de conectar demandas decoloniais às Artes Visuais, Cartografia, Narração Artística, Corpo&Voz e Fotografia. O projeto inicia-se em meados de 2019 apoiando-se nas necessidades do resgate identitário e ancestral de cada integrante, com projetos de oficina multidisciplinares envolvendo feita de Abayomis, contação de histórias e criação de mapas corporais a partir de árvore genealógica.

Crédito: Jaq Braum



INTEGRANTES DO ITAN COLETIVA

OS NEGRXS COLETIVOS NEGRXS COLETIVOS NEGRXS

Logo: MOOC / Vinicius Teixeira



COLETIVO MOOC

O MOOC nasceu como um manifesto que questiona narrativas periféricas e redesenha o papel do jovem negro na sociedade, entendendo que boa parte da nossa evolução vem das relações human x human e da busca por representatividade no mercado.

O coletivo transforma antigos paradigmas da comunicação em novas oportunidades com o intuito de gerar experiências autênticas conforme os contextos nos quais se insere. Cada vez mais rápido, o MOOC provoca e acelera novas vivências dentro e fora do cenário criativo.

INTEGRANTES DO COLETIVO MOOC.
 EM PÉ: LOUIS RODRIGUES, CAT MARTINS, LEVI
 NOVAES, KEVIN DAVID, SENTADOS: LÍDIA THAYS,
 RAPHAEL FIDELIS, SUYANE YNAYA, VINICIUS TEIXEIRA



Crédito: Christian Maldonado

Crédito: divulgação do grupo



COLETIVO ERO ERE

Ero Ere é um coletivo de artistas visuais negras de Curitiba que se reuniu para fortalecer suas identidades. Cada uma com a sua linguagem, com a sua poética, unidas por um vínculo afetivo e ancestral. As artistas do Coletivo Ero Ere acreditam na força do feminino como expressão de pertencimento e querem juntas dar voz, valor e visibilidade à sua arte.

ETIVOS NEGRXS COLETIVOS

INTEGRANTES DO COLETIVO ERO ERE

OUTROS COLETIVOS

MUNA

Mulheres negras nas artes
Coletividade

AEANFDC

Ambiente de empreecimento
da arte nacional a favor da
descolonização cultural

DESCOLÔNIA

DICAMPANA FOTO COLETIVO

AFROBAPHO





Andrea Mandes

(Coletivo Pretas InCorporações)
Artista visual e professora, trabalha com curadoria e produção cultural em projetos expositivos e educativos no estado de São Paulo, envolvendo temáticas como raça, classe e gênero. Andrea se define como “artista”, pesquisando através da performance temas como violência de gênero e racismo. Formada em Artes Visuais pela PUC-Campinas, compõe os coletivos Ibaô, Pretas InCorporações, Preta Performance e Núcleo de Consciência Negra Tereza de Benguela.



Ina Dias



(Coletivo Afrotometria)
Pedagoga, historiadora, professora e fotógrafa. Faz parte do Coletivo Afrotometria, que discute a inserção dos negros no meio fotográfico. Foi uma das vencedoras do Concurso Fotográfico Contra Vistas do Minhocão, realizado em São Paulo no final de 2016, e teve como prêmio uma exposição coletiva. Ina participou de exposições junto com o Afrotometria na qual a figura do negro sempre aparece sem estereótipos e como protagonista de suas narrativas.

Jordana Braz



Educadora e fotógrafa. Pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC-USP e graduada em Letras pela Unifesp. Integrou o projeto VISURB da Unifesp e recebeu menção honrosa no concurso fotográfico no Festival de Avanço em Portugal, realizado com o suporte da UNESCO (2012). Atua em educativos desde 2014 e desde 2017 é educadora-pesquisadora do Instituto Tomie Ohtake. Em 2018 iniciou uma pesquisa em relações étnico-raciais na educação e práticas de mediação em arte.

(Coletivo TROVOA)
Curadora,
pesquisadora, mestra
em História da Arte e
especialista em História
da Arte e da Arquitetura
pela PUC-Rio e
bacharela em Filosofia
pela UFRJ. Membro da
Comissão da Herança
Africana para
laureamento da região
do Cais do Valongo
como Patrimônio
Mundial (UNESCO).
Atualmente curadora
da 10ª Bienal SIART da
Bolívia, cronista da
revista Contemporary&
e professora do
Programa Gratuito de
Ensino da Escola de
Artes Visuais do Parque
Lage. Herdeira Griot e
xamânica, narradora,
cantora, cronista
ancestral.



Educadora,
pesquisadora e curadora
independente. Interessa-
-se por questões
relacionadas à
descolonização da
educação e das artes e
pelo estudo das artes
não ocidentais, em
especial as africanas,
afro-brasileiras e
ameríndias. É mestra
pelo programa de
Máster em Estudos
Avançados em História
del Arte da Universidade
de Salamanca e pelo
Programa de Pós-
Graduação em História
da Arte da Universidade
Federal de São Paulo.
É educadora-
-pesquisadora no
Instituto Tomie Ohtake.



(A Presença Negra)
Jornalista, escritor, ator,
contador de histórias,
ativista do movimento
negro e autor de mais
de uma dezena de
livros infantis e juvenis
pautados na história e na
cultura afro-brasileiras.
É idealizador e criador do
blog Reflexou - Reflexões
de uma Alma Preta.



(A Presença Negra)
Dedica-se à pesquisa
com fotografia, pintura
e desenho. Formou-se
em Artes Plásticas pela
UNESP (1997). Participou
de exposições coletivas,
como TRANSBORDA
(2015) e Metrópole:
experiência paulistana
(2017), e individuais, como
From Gastão to the world
(2008) e Refresh (2013).
Coordenador e
organizador da feira de
fotografia Captura da Luz.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente

Ricardo Ohtake

Núcleo de Cultura e
Participação

Felipe Arruda diretor

Agata Harumi Takiya

Rodriguez

Amanda Porto

Bruno Coltro Ferrari

Claudio Rubino

Divina Prado

Elisabeth P. Barboza

Emol

Fernanda Beraldi

Isadora Borges Brito

Isadora Mellado

Jane Santos

Jordana Braz

Julia Cavazzini

Luara Carvalho

Lucia Abreu Machado

Luciara Ribeiro

Maiara Paiva

Mauricio Homma Yoneya

Melina Martinho

Natalia Vinhal

Natame Diniz

Patricia Limeira

Pedro Amaral

Priscila Menegasso

Thiago Zati

Produção

Vitoria Arruda diretora

André Luiz Bella

Carla Ogawa

Carolina Brunelli

Carolina Pasinato

Karina Mignoni

Lucas Fabrizio

Patricia Castilho

Rodolfo Borbel

Núcleo de Pesquisa e Curadoria

Paulo Miyada coordenador

Diego Mauro

Luise Malmaceda

Luana Fortes

Priscyla Gomes

Theo Monteiro

Administração e Finanças

Roberto Souza Leão Veiga

diretor executivo

Bruno Damaceno

Carlito Oliveira Junior

Fabiana Cristina de Almeida

Joseilda Conceição

Moises Silva Mello

René Rossignol

Sergio Santos Souza

Willian dos Santos

Negócios e Comunicação

Ivan Lourenço diretor

Negócios

Flavio Silva

Henrique Lourenço

Kelly Lima

Comunicação

Eloise Martins

Ricardo Miyada audiovisual

Arthur Taques e Silva aprendiz

Design Gráfico

Monica Pasinato

Camila Noriko Ueki

Nazareth Baños

Assessoria de Imprensa

Pool de Comunicação

Marcy Junqueira

Martim Pelisson

Ana Junqueira

Informática

André Biacca

Documentação e Compras

Marcos Massayuki Sutani

Felipe Alves Ferreira dos Santos aprendiz

Secretaria

Maria de Fátima da Silva Rocha

Deolinda Correia de Almeida

Coordenação Operacional

Alexandre Lopes

Wagner Antônio Barbosa supervisor

Apoio

Cícera Medeiros

Daniel Soares

Edmilson Pereira

Edson José

Elcio Borges

Everton Alves

Fábio Araújo

Gilmar Batista

Marcelo Mariano

Marina Neves

Orlando Rodrigues

Raiana Ramos

Silvia Regina

Wellington Araújo

Técnica

Adilson Oliveira

Jacildo de Paula

Pedro Mario

Silvio Santos Lima

Manutenção

Camila Gonçalves

Carolina Neres

Elizandro Ferreira

Etza Santos

Luciene Monteiro

Valdir Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experiências negras : coletivo de artistas negras :
projeções para as artes contemporâneas :
volume 2 / organização Instituto Tomie Ohtake,
Núcleo de Cultura e Participação. -- São Paulo :
Instituto Tomie Ohtake, 2020. -- (Experiências
negras ; 2)

ISBN 978-65-990404-5-0

"Encontro Experiências Negras -- 15 Agosto 2019 -
Instituto Tomie Ohtake".

1. Arte contemporânea 2. Artes 3. Artistas
4. Artistas negros - Brasil 5. Diversidade cultural
6. Educação 7. Negros na arte - Brasil I. Instituto
Tomie Ohtake. II. Núcleo de Cultura e Participação.
III. Série.

20-40076

CCD-709.04

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte contemporânea : Artes visuais 709.04

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



ISBN: 978-65-990404-5-0



9 786599 040450

TD